

AS PLANILHAS COMPROVAM A NECESSIDADE DE, NO MÍNIMO, MAIS DOIS TÉCNICOS DE OPERAÇÃO POR TURNO, EM CADA TERMINAL.

O sindicato questionou novamente a gerência de operações devido à percepção de inconsistência na abordagem da não conformidade do GPI, enquanto que, por mais de três anos, tem sido observado um excesso de mais de mil horas extras em cada terminal sem que tenha sido identificada nenhuma não conformidade.

Além disso, apesar do compromisso com a valorização das pessoas e a geração de emprego, refletido na assinatura do edital do concurso público vigente, a gestão não tomou medidas para repor esse contingente, como evidenciado pelas planilhas de horas extras. Esses fatos, no mínimo, indicam a incompetência tanto dos gestores anteriores quanto dos atuais, considerando que muitos deles já integraram os quadros operacionais e administrativos dos terminais em questão.

A não reposição desse déficit por meio do concurso público vigente levanta dúvidas sobre se a gestão não está ainda contaminada pelo modus operandi da gestão anterior, onde a máxima era produzir mais, com menos, maximizando o lucro, negli-

genciando a saúde dos trabalhadores e a segurança nas instalações.

Será que também não se trata de improbidade os gestores não resolverem o problema das milhares de horas extras, necessárias para cumprir as tarefas do dia a dia e os padrões operacionais dos terminais, ainda mais com um concurso público em vigência?

Estação de Carregamento Rodoviário – Pilões

Apesar de a Estação de Carregamento Rodoviário ter sido inaugurada recentemente, com toda a pompa, inclusive com a presença do presidente da Transpetro, Sr. Sérgio Bacci, em visita realizada recentemente pelo sindicato foi constatada uma série de irregularidades.

Um dos problemas encontrados pelo sindicato se refere a sala de controle, onde não se encontram detectores físicos de benzeno, o que deixa a operadora do local exposta ao agente cancerígeno.

O Sindicato criticou iniciar a operação no local, sem que todos os sistemas de detecção de vazamento de benzeno estivessem em plena operação.

Também foi constatado que não há um planejamento de lavagem dos uniformes dos operadores ali locados, que levam os seus uniformes, jun-

tamente com o agente cancerígeno, para dentro de suas casas, contrariando todo o procedimento da Transpetro e da Petrobrás, descumprindo a NR 24, que determina que as roupas devem ser lavadas em lavanderias industriais. A situação é absurda e o sindicato exige a imediata adequação ao padrão da empresa.

Também foi constatado que não há um refeitório adequado para que os trabalhadores que ali trabalham façam as suas refeições. As instalações, tanto na parte de escritório e despacho de notas, se comunicam de forma inadequada com a parte de vivência da operação e se confundem, inclusive, com o próprio lugar de se alimentar, contrariando mais uma vez as normas da empresa e das NR's.

O sindicato exige que seja feita uma intervenção imediata, conforme a NR -24, que estabelece padrões para vestiários, sanitários, refeitório e outras normas específicas para o trabalho em local com exposição a substâncias tóxicas.

Os operadores auxiliares contratados encontram ainda mais precariedade no local. No local utilizam máscaras de carvão ativado, que não agüenta nem mesmo uma hora de exposição ao benzeno, mas reutilizado várias e várias vezes até ser trocado.

Também não recebem o mascacão Tyvek descartável, mas sim utilizam outro, de material impróprio para as tarefas, e que é trocado apenas de três em três meses. O sindicato não encontrou no local nenhuma estação de ar mandado ou máscaras de fuga, equipamentos autônomos que comportem todos os presentes na estação de carregamento rodoviário.

O Sindicato cobrou uma promessa antiga da gestão, de apresentar o funcionamento da estação de recuperação de vapores. Já se passaram meses e a reunião ainda não aconteceu.

Vale destacar que operação feita por operadores contratados acontece à revelia do Sindicato, uma vez que primamos pela operação com mão de obra própria do Sistema Petrobrás.

É preocupante notar como a administração agiu rapidamente para “resolver” um problema que foi ignorado por anos, mesmo que isso tenha causado atritos com a categoria, como no caso do GPI. Por outro lado, é alarmante que um problema que realmente afeta a saúde e a segurança dos trabalhadores nem sequer esteja em discussão. Isso ficou evidente quando os gestores demonstraram surpresa com as informações apresentadas pelo Sindicato durante a reunião.